

Numa coletânea onde dominam as crónicas sobre mares e oceanos, a aproximação à terra é por vezes feita através da etnografia: os trabalhos da mulher africana e da portuguesa segundo o cronista do Planalto Central de Angola; as socializações de um marinheiro de Cabinda; o cabo que pensa publicar as suas anotações sobre a chegada dos doentes ao Lazareto de Porto Brandão para publicar num periódico coimbrão; o “lúgubre cortejo” que acompanha a expedição de Capello e Ivens (1884-1885) por “serras e planuras, pântanos e desertos... [com] sofrimentos, fadigas, fomes, chuvas, angústias e mortes”; os gestos feiticeiros de olhar a Lua e as estrelas para *cortar a terra* e traçar uma fronteira; o cronista que pede ao Amor que sonhe com ele todas as noites “[n]este rio com um nome tétrico e esquisito... O Lingué-Bungo”; o soldado ajoelhado na areia das margens do Lago Niassa a cavar misteriosamente com as mãos uma vala por onde seguirão os colegas.

O conjunto antológico é assim o espelho do fascínio que nos prende ao conhecimento, mas, de igual modo, da atração daqueles que sentem o destino agrilhado ao mar e aos seus “elementos de desolação e de morte” (lembrando as palavras de Wenceslau de Moraes, presentes nesta seleção). A leitura desloca-se, sem as resistências da água e do tempo, entre épocas e lugares muito distantes, entre os domínios da imaginação e da emotividade e os da exatidão dos factos, exigindo do leitor um exercício de navegação atenta ao longo de textos que, ora são simples e diretos, ora se revelam quadros esteticamente vigorosos.

Nota dos editores.

Garrido, Álvaro e David J. Starkey (eds) (2020) *Too Valuable to be Lost – Overfishing in the North Atlantic since 1880* (Edited by Álvaro Garrido and David J. Starkey)

Too Valuable to be Lost é uma antologia sobre dois mundos: como na exploração dos recursos marinhos a Natureza devolve à indústria e às comunidades, à política e às ciências, sinais para que se criem equilíbrios; como os ciclos de incrementos financeiros e tecnológicos, e com o passar do tempo o desenvolvimento de uma consciência ecológica, respondem às crises. Neste diálogo trata-se de um livro completo: identifica um tema, atrai o leitor para o entendimento dos seus pontos

de vista e deixa-lhe mais perguntas do que soluções; e também pela sugestão que nos lança, de que conhecemos, planeamos e decidimos com as ferramentas que criamos e de que dispomos, incluindo as da linguagem e dos sistemas de significados que se criam no interior das ciências, do tempo e da oportunidade. Destacamos três tópicos: os mares e os oceanos guardam uma memória dos impactos causados pelas atividades humanas; a deslocação conceptual (noções antes secundárias passam da margem para o centro) que acompanha o gradual reconhecimento de que os ecossistemas possuem uma linha a partir da qual há riscos de rutura; o tempo e a sua relevância nesta consciencialização.

Encontramo-nos na posição, privilegiada, de olhar para trás e apreender os escolhos e os tropeços num trajeto de cerca de dois séculos: nas investigações de terreno, no trabalho teórico-científico e no intercâmbio de ideias, conferências e congressos e convenções. Desde logo porque o desenvolvimento das estatísticas aplicadas aos estudos das pescas e de biologia marinha trouxe um acréscimo de nitidez nesta tomada de consciência. Todavia, *Too Valuable to be Lost* mostra que há um reverso que se pode expor numa analogia com o trabalho do arquivista: os ecossistemas possuem as propriedades cumulativas de um documento fotográfico ou de uma pintura – que retêm para sempre a impressão de tudo o que acontece ao longo da sua existência –, e são inúmeras as incógnitas por resolver sobre o seu potencial regenerador (por exemplo, os estudos sobre a sardinha ou acerca dos pesqueiros no Mar do Norte), sejam a avidez da indústria por condições irrestritas ou pouco condicionadoras, ou ainda o exercício das pescarias sujeito a pontos de estabilidade concebidos por cientistas e legisladores.

A linguagem de tipo gráfico tornou-se dominante na pesquisa e na comunicação dos resultados científicos: reflete, diríamos, o papel dos mercados como motores de arranque e de tração mais presentes na cadeia que vai da captura e apanha, passando pelo processo legislativo, até à fabricação e ao comércio. Se excluirmos os protestos das comunidades, os primeiros sintomas de instabilidade ou “colapso” ou recuperação das espécies marinhas, de oscilação das capturas, têm relevo no que é a esfera da economia e é nesta que se vão apurando nas suas formas de significação e expressividade: linhas ondulantes, ou quebradas e angulosas, que pretendem retratar as quebras e elevações nos rendimentos e capturas, no investimento empresarial e tecnológico. Os estudos de caso na antologia mostram-nos como as estratégias e opções políticas, sejam de promoção de consumo interno,

ou de exportação do produto, ou de crescimento fabril para conservação ou transformação do peixe em óleos e farinhas, dialogam em primeira mão com estes grafismos.

A deslocação dos estudos circunscritos a um tema ou espécie – ciclo reprodutivo da sardinha, causas de desaparecimento em vastas áreas costeiras, efeitos de uma técnica de pesca – para as pesquisas focadas na perceção das relações e influências que se propagam entre espécies e entre ecossistemas, é fundamental para os mecanismos de diagnóstico baseados na biologia. Ter-se-á mantido, porém, uma lógica lastrada numa realidade e no seu oposto: decréscimo e elevação de rendimentos, queda e subida de capturas, desatualização e modernização das frotas.

É neste universo que *Too Valuable to be Lost* nos oferece uma dupla problemática, a subentendida na interrogação que é enunciada no subtítulo da introdução (“porque é que as nossas sociedades as descobriram tão tarde?”), e a que o leitor constrói à medida que integra o conteúdo dos artigos na sua experiência de vida e de leitura. A dúvida essencial é saber que elementos e variáveis ganham visibilidade ou emergem como novos no correr da história. Ambas as questões nos situam face ao tempo e às vacilações e contrariedades das pescarias e das ciências: crescimento industrial pujante, acompanhado de torções e retrocessos políticos, empresariais, institucionais e teórico-práticos do saber; deslocação conceptual dos termos chave na análise do setor, quando a inclinação para estabelecer modos de financiar e modernizar empresas e tecnologias dá lugar a contextos em que se procuram alternativas aos procedimentos intensivos da atividade. Sobrepesca e sustentabilidade (ou os seus antecedentes ainda não articulados num pensamento sistemático), deixam de ser noções-satélite para se traduzirem em conceitos-chave de um vocabulário variegado. Um campo semântico que dá visibilidade aos contornos do signo-número em função do qual as soluções são ponderadas: o que podemos hoje retirar de um ecossistema, de uma população, sem colocar em perigo a possibilidade de continuarmos a fazê-lo amanhã. E, no entanto, trata-se ainda de reações para reequilibrar uma situação instável, mais do que uma antecipação e planeamento.

Nos textos da antologia os termos sobrepesca e sustentabilidade abrangem um fenómeno plural: científico, político, económico, tecnológico, cultural e social. A sua estimulante leitura ajuda-nos a problematizar a implementação

de instrumentos para gerir e proteger a atividade, mas também o sistema de linguagem e pensamento que se desenvolveu e evoluiu na charneira entre direitos de uso e de propriedade (a privatização do recurso, regulada juridicamente, interpretada como incentivo ao desempenho eficiente da economia) e acesso apenas condicionado pelas normas de inscrição na atividade e por regulamentos de artes de pesca. Antes de tudo porque, como se põe em evidência em alguns casos, se trata do efeito de acorrerem à exploração dos espaços marítimos uma variedade crescente de protagonistas e atividades: para lá das rotas marítimas e das pescas, vem surgindo uma economia de clusters, que é, de igual modo, de confrontos e rivalidades, que esboroa os velhos suportes ideológicos das comunidades e das suas culturas (Parques e Reservas Marinhas, Áreas de Defeso, Aquicultura, Parques Eólicos, Turismo e Marítimo-turística).

As formas de posse jurídica do mar e dos seus recursos despontam como desfechos para a conceção de modelos de gestão (no âmbito das tecnologias, da economia e dos comportamentos) que conseguem evitar as práticas de sobre-exploração. Expressa desta maneira, é uma solução que, sem surpresas, tal como lemos nas entrelinhas e descrições de alguns estudos de caso, tende a transpor o ónus das dificuldades diálogo para as comunidades ribeirinhas, para o temperamento individualista de profissionais e armadores. Assim, a imagem destas classes é mais associada à permanência de costumes (que são tomados como obstáculos às práticas e formas de gestão sensíveis à defesa dos ecossistemas) nas sociedades da beira-da-água, do que a um potencial de reinvenção de instrumentos com vista à conciliação da atividade, do ambiente e das ciências.

A influência de novos cenários – no amplo intervalo de tempo e dentro do leque de aspetos que *Too Valuable to be Lost* considera –, de padrões sociais, científicos e económicos emergentes, assim como de conjunturas que vão resultando, é sobretudo observável por intermédio da criação de entidades que fazem eco do alargamento e internacionalização das ações organizativas à escala dos mares e oceanos: Para lá das áreas litorâneas e costeiras, e dos limites jurisdicionais, a comunicação tende a estruturar-se em redor de acrónimos e dos conhecimentos e funções que estes sintetizam: numa amostra pequena, CIEM (Conselho Internacional para a Exploração do Mar, 1902), FAO (Organização para a Alimentação e Agricultura, 1945), ZEE (Zona Económica Exclusiva), PCP (Política Comum de Pescas), ONG (consideraríamos aqui as Organizações Não Governamentais por

estarem na base de uma cultura organizacional global), MSY (Maximum Sustainable Yield), ITQ (Individual Transferable Quotas). Exercem uma ascendência sobre os processos cognitivos, manifestam-se como um espelho da pro-atividade das ciências, da diplomacia e da economia, do direito e da comunicação, e contribuem para uma determinada clareza do pensamento e do planeamento do setor.

Finalmente, *Too Valuable to be Lost* traz-nos a noção de que uma consciência ambiental se repercute no aumento e diversificação dos níveis de significado ao integrar no diálogo os mais diversos protagonistas. São os compromissos mundiais que se encontram no Zénite de um corpo de regras concebido para se ajustar a uma ferramenta técnica e a um ideal de perceção, planeamento e gestão de uma realidade: um estado da União Europeia estrutura a sua legislação e organização das pescarias a partir de orientações com origem nas instituições europeias e mais além, em Convenções e Cimeiras Mundiais. É o exemplo da Política Comum de Pescas, que nas várias etapas tem integrado os resultados de eventos como a Cimeira das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Joanesburgo, 2002), a Cimeira do Rio (1992 e 1999), e outros pressupostos de coparticipação nas tomadas de decisão, através de requisitos para que atores muito diversos estabeleçam uma voz em defesa de um valor de exploração de recursos biológicos marinhos. A ideia de uma pesca sustentável torna-se, deste modo, uma divisa transversal a instituições, decisores políticos, empresários, profissionais e populações.

Nota dos editores.

Mack, John, *The Sea – A Cultural History*, London, Reaktion Books, 2013. Edição Portuguesa: *O Mar – Uma História Cultural, e-Primatur*, 2018. Prefácio de Álvaro Garrido, tradução de Sarah Adamopoulos. Edição com apoio do Museu Marítimo de Ílhavo.

O livro de John Mack é um olhar às atividades e formas de socialização das gentes do mar e aos modos como foram pensadas, ritualizadas, memorizadas e, em alguns casos, sujeitas a regulações. A escrita é fluída, o pensamento é incisivo e recheado de material para repensarmos as relações entre as aventuras da palavra e a das navegações e dos povos que, apreendendo os sistemas oceânicos (meteorologia,